

Carta a Mário Soares

Acontecem fora do Brasil os cenários mais interessantes da campanha neste momento. Os dois candidatos que reconhecidamente centralizam as atenções do País — Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso — fazem novos lances no tabuleiro da sucessão, movimentando personagens no plano externo com influência no quadro eleitoral. Enquanto Lula chama a atenção com a estrondosa recepção que lhe conferiu Nelson Mandela, presidente da África do Sul, Fernando Henrique Cardoso entra em Portugal pela mão do ex-presidente José Sarney.

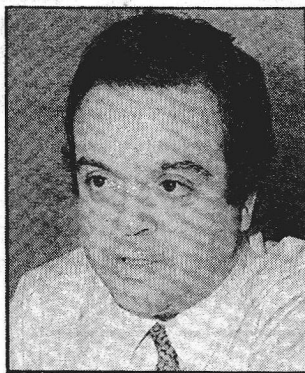
Sarney, nomeado representante do presidente Itamar Franco para reunião de governo em Portugal, levará no bolso uma carta do candidato Fernando Henrique Cardoso ao presidente Mário Soares — texto cujo conteúdo vai de uma veemente profissão de fé no plano de estabilização a um entusiasmado relato sobre o crescimento de sua candidatura à Presidência da República. Tudo isso foi fechado em reunião no Palácio do Planalto, esta semana, com a presença de Fernando Henrique, entre outros.

A condição de portador da carta confere a Sarney papel incompatível com as versões que o deram como a um passo da adesão a Lula e projetam com mais realismo ideológico o caminho que pensa em tomar — o de integrar-se à aliança em torno de Fernando Henrique —, embora deva adiar sua comunicação formal ainda por algum tempo. Na verdade, o comportamento de Sarney já foi estratégia da aliança, pois o jogo de barganha do ex-presidente, evidentemente calculado, fez o PT manifestar publicamente interesse em seu apoio.

Mas como Sarney vai mesmo apoiar a aliança — e o papel de pombo-correio de FHC respalda tal previsão —, ficará o PT sem autoridade moral para condenar aquele a quem, dias antes, pediu publicamente o apoio. Sarney tem indisfarçável gosto pela missão diplomática e o governo

soube usar isso a favor da candidatura de FHC com esmero político, silenciosamente, como dita o melhor figurino mineiro.

O episódio desmente também a ingênua versão de boicotes internos do governo Itamar a Fernando Henrique. A idéia de delegar a Sarney a missão de representá-lo partiu do próprio presidente Itamar Franco, num lance comemorado pelo candidato da aliança, pois colocará o ex-presidente fora do alcance das pressões políticas pelo seu aval. Antes de patrocinar boicotes, o governo está empenhado mesmo é em disfarçar o apoio ao seu candidato, ostensivo demais até aqui, a ponto de gerar críticas fundamentadas e despertar a atenção da Justiça Eleitoral.



■ *João Bosco Rabello dirige a sucursal de Brasília*

Sarney, nomeado representante de Itamar, levará carta de Cardoso ao presidente de Portugal

A ostensividade do apoio do governo a Fernando Henrique é constatável facilmente. O ministro Rubens Ricúpero, da Fazenda, percorreu o mesmo roteiro que o candidato FHC hoje percorre preparando terreno para sua vinda, o que já lhe valeu, intramuros, na coordenação da campanha de FHC, a comparação com São João Batista (guardadas todas as proporções, é óbvio). FHC participa das reuniões palacianas onde seus interesses de candidato

estejam em jogo, continua mantendo influência pessoal sobre o presidente da República. E, por fim, Ricúpero — a quem derrama elogios diários —, tem preservado todos os interesses do candidato, desde a manutenção da equipe econômica por ele formada, até as mínimas decisões desta, acertada ainda ao tempo de seu antecessor.

Fernando Henrique Cardoso é o candidato do presidente Itamar Franco, a quem a nossa história política — sem prejuízo das críticas que certamente vai registrar —, poderá acabar tendo de reconhecer a proeza de ter feito seu sucessor, autor de um programa de governo que o curto mandato decorrente do impeachment de Collor não permitiria a ninguém.

Algo tão difícil na política que nem os militares, no regime de força, lograram conseguir.